

Jogos Musicais: Implicações e Incentivo Baseados em um Relato de Experiência

Inaldo Mendes de Mattos Junior
Universidade Federal do Maranhão
inaldommj@hotmail.com

Resumo: Este trabalho analisa as atividades musicais com regras no contexto da educação básica. Tem como objetivo fundamentar os jogos musicais como uma estratégia pedagógica eficaz para o desenvolvimento do aluno e encorajar o seu uso nos espaços escolares. Isso se fará a partir da exposição de uma experiência que se deu com crianças do ensino fundamental menor. Para a construção da fundamentação teórica, este trabalho vale-se de pesquisa bibliográfica e fichamentos. A elaboração do relato de experiência se utilizou de relatórios das aulas experimentais. Os resultados desse artigo apontam para a constatação de que os jogos musicais servem substancialmente a maturação infantil e que constituem uma estratégia que pode ser seguramente utilizada no contexto educacional.

Palavras chave: crianças, jogos musicais, relato de experiência

Uma Breve Introdução aos Jogos Musicais

Etimologicamente a palavra jogo vem do latim “*incus*” e significa diversão, brincadeira. É uma atividade presente desde as grandes e antigas culturas. Os gregos e romanos, por exemplo, reconheciam a sua magnitude para a educação de crianças. O próprio Platão atribuiu um grande valor pedagógico a esse tipo de atividade. Nessas sociedades os jogos se constituíam um meio de se tomar consciência de papéis sociais e de assimilar valores, conhecimentos e leis (JESUS, 2010, p.3).

Entretanto é na Renascença, no século XVI, que os jogos assumem definitivamente sua função educativa, com o advento da educação humanista. No Brasil, por exemplo, a educação jesuítica começou a perceber o valor didático dessa atividade e foi a primeira a experimentá-los em salas de aula. Nos Estados Unidos, na virada dos séculos XVIII e XIX, se adere à proposta de Froebel que confiava no uso dos jogos na educação infantil, e sua ideia se fortaleceu em vários países (JESUS, 2010, p.4).

Apesar da História comprovar a utilidade pedagógica dos jogos no contexto educacional, ainda há fortes preconceitos em relação a esse tipo de atividade. E não se pode deixar de observar, que muitos professores se sentem inseguros quanto à utilização dessa

estratégia de ensino e preferem evitá-la em sala de aula, principalmente pelo medo de errar (GIOCA, 2001, p.15).

Assim o objetivo deste artigo é quebrar preconceitos e incentivar a prática de jogos musicais na educação de crianças. Para isso se fará uma exposição temática e um relato de experiência, que se deu numa escola particular de São Luís, com crianças de primeiro ano do ensino fundamental menor.

O que é Jogo Musical?

Segundo Ger Storms (1996, p.15), jogo musical deve ser entendido como atividade regulamentada por regras. O autor acrescenta ainda que jogar é sair da rotina e convergir as atenções para uma situação desafiadora; é sentir e pensar. É uma atividade pedagógica que coloca a música e seu elementos como protagonistas da cena. O jogo deve visar o desenvolvimento da criança e a estruturação do conhecimento.

Maria Gioca (2001, p.23) nos afirma, à luz da teoria de Piaget, que o jogo é organização de conhecimento. Pois através do processo de assimilação, a criança integra um novo dado motor ou conceitual às estruturas cognitivas de que já dispõe. Entretanto quando não existe esquemas suficientes para receber esse novo dado, uma nova estrutura se forma pelo processo de acomodação. Assim, jogar é construir conhecimento.

Teca Brito (2003, p.31) vai além e afirma que o fazer musical é um jogo sensório-motor, simbólico e com regras. A criança no seu desenvolvimento transcorre pelos três momentos. O primeiro está relacionado ao ato de explorar o som e o gesto. Ulteriormente a ela brinca do jogo simbólico ao começar a definir significantes e significados. E ao compreender o que é permitido e proibido, ingressa no jogo das regras sociais.

Há diversos tipos de jogos musicais: jogos de escuta e concentração, de criação, de improvisação, de desenvolvimento da percepção, da sociabilidade, da comunicação, da confiança etc. (STORM, 1996). Assim sendo, cabe ao professor pesquisar as diversas possibilidades disponíveis nas redes sociais e principalmente em livros específicos de educação musical. O docente pode também ser criativo e construir seus próprios jogos ou adaptar os que já conhece a um determinado objetivo ou conteúdo pedagógico.

Mas para que um jogo musical seja bem sucedido é necessário observar algumas dicas práticas. Ele deve ser revestido de informalidade para que o ambiente seja livre, desinibido e confiante para o participante. O professor deve explicar claramente as regras antes de inicia-lo e certificar-se de que todos entenderam. Ele está incumbido de ser o organizador e o árbitro. Deve servir de suporte à todos, administrar bem o tempo e o espaço e escolher ou adaptar o jogo de acordo com a faixa etária e capacidades dos alunos. O educador precisa também estar preparado para contornar e controlar quaisquer dificuldades que possam surgir durante o jogo. É substancial também que o educador ajude seus alunos, motivando-os e ajudando-os a superar as dificuldades e os resultados insatisfatórios (STORMS, 1996, p. 22-27).

As implicações dos Jogos Musicais para o Desenvolvimento de Crianças

O jogo musical é uma oportunidade para a criança brincar e vivenciar a aprendizagem de forma lúdica, livre e alegre (JESUS, 2010, p.7), tornando a aprendizagem prazerosa. Por meio do jogo de improvisação musical, por exemplo, a criança explora sua espontaneidade criativa e utiliza suas potencialidades. Miranda (2010, p.372) afirma que ao brincar, a criança organiza o mundo à sua volta, assimilando experiências, informações e valores.

Segundo Tezani, (2006, p.1-2) o jogo é uma atividade que estimula o desenvolvimento e crescimento, a coordenação motora, a iniciativa pessoal, as faculdades intelectuais e o domínio da comunicação. Numa atividade grupal o jogo cria laços afetivos entre os participantes, assim podem construir sentimentos e valores tornando assim o ambiente pedagógico, uma experiência significativa aos alunos.

A participação em jogos musicais é uma oportunidade de desenvolver aptidões, capacidade de escuta e concentração, comunicação e trabalho em grupo. Jogar promove o autoconhecimento, ajuda a se pôr à vontade e vencer a timidez, cria sentimento de segurança e faz desaparecer o receio, além de ser uma forma de aprender a considerar os sentimentos e individualidades dos outros (STORMS, 1996, p.19-20).

Exposto a fundamentação teórica acerca de jogos musicais que contextualiza a sua prática na educação infantil, define o termo, aponta dicas práticas e expõe as suas implicações

ao desenvolvimento dos participantes, convém agora relatar uma experiência que se deu numa escolar particular de São Luís com alunos do primeiro ano do ensino fundamental, onde os jogos musicais se fizeram a principal metodologia da aula.

O Relato de Experiência

Inicialmente procurou-se planejar as duas aulas, que se dariam separadas por um intervalo de uma semana. Nesse momento definiu-se objetivos, conteúdo, jogos musicais, recursos e avaliação. Como objetivo geral das aulas consentiu-se por vivenciar atividades musicais de forma significativa. O conteúdo envolveu principalmente, ritmo, canto e timbres. As atividades propostas foram jogos de improvisação, jogos rítmicos com copos e mãos e jogos de concentração e escuta. A avaliação procurou analisar os alunos, as atividades e a atuação do professor em meio as variáveis da prática educativa.

Em seguida partiu-se para a experimentação dos dois planos de aula no ambiente acadêmico tendo como participantes, universitários voluntários. Durante este laboratório pedagógico constatou-se que algumas atividades poderiam se apresentar complexas demais para as crianças e outras, não tão empolgantes o suficiente para manter o interesse de todas elas. À vista disso, as atividades foram modificadas ou substituídas por outras que satisfizessem às averiguações.

A Primeira Aula: Jogo Rítmico com Copos

Sequenciando a etapa de experimentos houve então a primeira aula, onde as crianças vivenciaram dois jogos musicais: “pirulito que bate-bate” e “escravos de Jó”. O primeiro jogo consistia em cantar a música acompanhada de batidas com as mãos, ora na coxa, ora na mão do colega e ainda com palmas, em determinadas sílabas da canção. O segundo jogo foi realizado com copos, onde havia formas específicas de acompanhamento para cada parte da música escravos de Jó. Em alguns momentos os alunos passavam o copo ao colega da direita, em outros, deixavam o copo parado e ainda faziam gestos em alusão à letra da canção.

Durante o jogo rítmico, “pirulito que bate-bate”, as crianças mostraram-se envolvidas num ambiente descontraído, alegre e prazeroso. E na outra brincadeira elas demonstraram dificuldades para cumprir as regras de passagem de copos, mas esse problema foi contornado

pela divisão do jogo por etapas e pela diminuição do grau de dificuldades dos movimentos. Tenha-se como exemplo: ao invés de passar todos os copos dentro da roda, optou-se por diminuir o número de copos; noutra momento decidiu-se formar duplas em substituição à grande roda formada e assim trabalhar os movimentos do jogo. Apesar dos impasses, as crianças empolgaram-se com as atividades do começo ao fim da aula, sem perder o interesse.

A Segunda Aula: Jogo Rítmico com Copos e de Escuta e Concentração

Uma semana depois, na segunda aula, procurou-se retomar as atividades anteriores e propor novos desafios. Assim repetiu-se o jogo rítmico da canção “pirulito que bate-bate”, acrescentou-se uma atividade de improvisação chamada “esse copo vai virar”, retomou-se a brincadeira com copos “escravos de Jó” e foi proposto, ao final da aula, um jogo de escuta e concentração. Na atividade de improvisação as crianças, uma por uma, sugeriam o que o copo iria virar e então todos teriam que utilizá-lo para demonstrar a sugestão dada.

Durante a execução do “pirulito que bate-bate” as crianças apresentaram progresso no domínio dos movimentos sincronizados à letra da canção. E na brincadeira “escravos de Jó” lograram êxito ao executar o jogo de acordo com as regras adaptadas às suas reais capacidades, desta feita, os alunos estavam dispostos em uma grande roda. O jogo de improvisação foi o ápice da aula. Nele os alunos puderam improvisar movimentos com os copos, de acordo com as proposições que os participantes sugeriam ao cantar a canção.

O último jogo consistia numa atividade de improvisação onde as crianças adivinhavam os sons que eram postos em apreciação, como por exemplo, o timbre de um piano, de um trovão, campainha, etc. Nesse jogo as crianças se mantiveram bem concentradas e intensamente envolvidas com a brincadeira, num sentimento de alegria, entusiasmo e vontade de ganhar, devido à atmosfera de competitividade estabelecida ao dividir a turma em dois grupos.

Resultados e Análises da Experiência

No último dia observou-se o progresso dos alunos em vários aspectos. As crianças demonstraram evolução na manutenção do pulso regular, na execução rítmica com as mãos e copos e na afinação ao cantar as canções. Pode-se destacar também outros resultados que

transcendem os objetivos estabelecidos nos planos de aula, como o aperfeiçoamento da noção de lateralidade, o aprimoramento do trabalho em equipe, da iniciativa, da cooperação e do estabelecimento de relacionamentos de qualidade.

Ademais, as crianças mostraram-se alegres e satisfeitas com as vivências musicais promovidas através dos jogos. Após as duas aulas soube-se de comentários interessantes entre eles. Eles perguntavam a professora titular, por exemplo, quando haveria outra aula de música e comentavam que tinham gostado muito das brincadeiras. Isso prova que a vivência musical ali promovida foi significativa para eles.

Antoni Zabala (1998, p.13-16) defende a necessidade da reflexão da prática educativa antes e depois da ação, para que se aprimore a atuação educativa do professor. Embora se tenha refletido bastante antes da execução das aulas supracitadas no tópico anterior, se faz necessário uma outra análise, posterior à experiência, afim de avaliar a funcionalidade das atividades e atitudes e posturas pedagógicas do educador.

Os jogos musicais escolhidos, de forma geral, mostraram-se realizáveis com o público-alvo. Entretanto constatou-se que nem sempre às expectativas que se têm às respeito das capacidades das crianças são reais. Assim sendo, não se pode subestimar ou superestimar o aluno nas escolhas das atividades. Constatou-se também a importância do professor ser hábil para flexibilizar as regras dos jogos musicais de acordo com as circunstâncias do ambiente. E não se pode revestir as brincadeiras de caráter técnico em detrimento de uma atividade alegre, prazerosa e lúdica.

Depreende-se também que as simulações das atividades musicais, em laboratórios pedagógicos das universidades, não se comparam com a realidade concreta das salas de aulas e dos alunos da educação básica. Porque nos experimentos ocorrentes ao longo desta pesquisa, por exemplo, tudo aconteceu com um número mínimo de dificuldades no ambiente universitário, entretanto, na sala de aula com os alunos surgiram muitos impasses. Por isso não se pode apoiar-se só nas experiências segregadas dos espaços acadêmicos, mas principalmente na realidade concreta do aluno. A sala de aula com os alunos é o melhor laboratório.

Considerações Finais

Tendo em vista toda a exposição temática e o relato de experiência infere-se uma relação coerente entre jogo, educação e desenvolvimento infantil, conforme as culturas clássicas nos atestam. Através desta experiência vivida e relatada, pôde-se constatar as contribuições que os jogos musicais podem dar ao desenvolvimento das crianças. Vale observar que se numerosos resultados ocorreram só em duas aulas, há possibilidade de muitos mais resultados ocorrerem onde os jogos musicais sejam constantemente propostos pelos professores.

Mencionou-se no início, o receio que os educadores têm de realizar jogos musicais nas classes. Entretanto este relato de experiência atesta que é possível operar com segurança esse tipo de atividade, mediante o bom planejamento, habilidade para lidar com as variáveis do ambiente pedagógico e muita reflexão pedagógica antes, durante e depois. Por isso os educadores podem se sentir motivados e encorajados a lançar mão dessa metodologia de ensino.

Portanto, jogos musicais é uma estratégia embasada nas culturas passadas e no atual cenário de discussões sobre metodologias de ensino. Este trabalho não busca esgotar a discussão sobre o tema, pois o assunto é um leque de outras vertentes que podem ser especificadas e discutidas em futuros artigos. Ao contrário, convém abrir a discussão para futuras pesquisas por partes de outros autores. A seguir indica-se as bases bibliográficas de que se valeu este trabalho.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil*. 2.ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

JESUS, Ana Cristina Alves de. *Histórico dos jogos na educação*. In: JESUS, Ana Cristina Alves de. Como aplicar jogos e brincadeiras na educação infantil. Rio de Janeiro: Brasport, 2010. Cap. 1. p. 3-5.

JESUS, Ana Cristina Alves de. *As diferentes formas do brincar*. In: JESUS, Ana Cristina Alves de. Como aplicar jogos e brincadeiras na educação infantil. Rio de Janeiro: Brasport, 2010. Cap. 1. p. 7-9.

MIRANDA, Paulo César Cardozo de. *Jogos musicais: conhecimento, competências e habilidades dos professores em atividades de sala de aula*. Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.370-378, nov. 2010.

STORMS, Ger. *100 Jogos Musicais*. Rio Tinto – Portugal, Asa, 1996.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. *O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos*. Educação em Revista, Marília, v. 7, n. 1/2, p.1-16, 2006.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.